

PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

Solta os cachorros

Basta um passeio pelas ruas para se constatar que os berlinenses são apaixonados por cachorros. Existe até um bar na cidade com cerveja para cães. O Gulliver, no bairro de Steglitz, aceita famílias e seus cachorros e serve aos peludos uma cerveja especial, a Schwanzwedler, sem álcool, sem gás e com sabor de carne. Os cães alemães são mesmo privilegiados. Onde mais é permitida a presença de cachorro em restaurante, com direito a tigela de água e outros mimos? Muitos deles acompanham os donos dia e noite, seja no cabeleireiro, no trabalho ou ao visitar amigos. A entrada de cachorros em lojas e outros locais é geralmente permitida, não há uma regra única, então fica por conta de cada lugar.

Cachorro em Berlim tem direito a tomar condução, mas, se for grandalhão, paga passagem: com desconto, como os estudantes e os desempregados. E como qualquer cidadão, se for surpreendido sem passagem, paga multa. Só não tem direito a assento. O que se vê nos trens é o seguinte: se o cachorro é grande ou médio ele costuma ficar deitado embaixo do banco; os pequenos vão muitas vezes no colo do dono; mas se for cachorro de punk ou mendigo, fica no meio do caminho mesmo e ai de quem reclamar.

Na Alemanha, cachorro paga imposto. Gato, por exemplo, não paga. A despesa anual de um cãozinho de estimação saudável beira entre € 900 e € 1.200, aí somados Hundesteuer (imposto sobre cachorro), alimentação, vacina e vermícidias. A taxa de imposto sobre cão em Berlim é cobrada uma vez por ano e custa € 120. Cachorros treinados como guias para cegos e salva-vidas são isentos. No caso dos cães adotados de lares de animais, os donos ganham isenção no primeiro ano. No mais, todo mundo paga, até estudantes, punks e desempregados.

Os custos de um cão podem ser muito maiores. Fora alimentação, tosa e veterinário, tem quem gaste com artigos de luxo como roupas, acessórios, mobiliário, cosmética e ainda o leve para fazer análise, acupuntura, tratamento dentário e aula de dança. Loucura ou não, fato é que existe toda uma estrutura e indústria a serviço do povo canino. Para quem trabalha fora e não pode levar o cão ou quem mora sozinho e fica doente, existem *dogsitters* (babás de cachorro), *dogwalkers* (pessoas que levam o cachorro para passear) e hotéis.

Como se vê, alimentar um cachorro não é suficiente, eles também precisam de cuidados especiais. A VDH, o *Kennel Club* alemão, é o órgão que assegura os direitos dos cães e os interesses de criadores. Foi esta organização que criou a Hundeführerschein (a carteira de motorista para cães), documento que atesta a guarda do animal e é concedido após um curso preparatório. Além de informações sobre a saúde do cão, são ensinadas medidas de segurança e civilidade para cão e dono. Esta carteira não é obrigatória, mas o assunto anda em discussão.

E quando o cão morre? Os alemães criam seus cachorros com muito amor e cuidado. Eles são para muitos parte da família, ou mesmo a única companhia. Mas, como um cão raramente passa dos 15 anos, mais cedo ou mais tarde chega o dia da sua morte. A questão é o que fazer. Enter-

rar no cemitério de animais, com direito a lápide, ou cremar e guardar as cinzas em uma urna? Tudo isso é possível, mas esses serviços são caros. Como nem toda família tem condições de arcar com estas despesas, uma das saídas é pagar uma taxa e entregar o corpo para o veterinário. O que irá acontecer com o corpo do bichinho, cremação ou aproveitamento na indústria, depende da causa da morte. Muitos viram sabão ou farinha de osso.

Estima-se mais de 130 mil cachorros vivendo na cidade, incluindo o número de cães "sem papel", em torno de 33 mil. Um fato curioso é que não se veem vira-latas perdidos, perambulando pelas ruas. E quando um cachorro é encontrado abandonado, é levado imediatamente ao Lar dos Animais. Lá, cachorros, gatos e outros animais são alimentados, examinados e disponibilizados para adoção. No Tierheim de Berlim, o maior abrigo de animais da Europa, vivem cerca de dez mil bichos, de todos os tipos e tamanhos. Todo dia tem bicho chegando e, para dar lugar aos novatos, é importante que outros sejam adotados.

Os bichinhos de estimação são tão queridos que muitas vezes famílias dividem a guarda de um cachorro. Uma amiga minha mesmo acabou de comprar um perdigueiro português para dividir com um casal de amigos. Como ela e o marido viajam muito e não podem levar o cão a tiracolo o tempo todo, esta foi uma boa solução.

Na maioria dos casos, os problemas causados pelos cachorros são culpa dos donos. Existe uma séria questão nas calçadas da cidade: a quantidade de cocô. Mesmo com latas de lixo especiais com saquinhos de plásticos distribuídos de graça, simplesmente muitos donos não recolhem as fezes de seus cãozinhos. Esta é uma lei que as pessoas aqui não respeitam, pois há cocô por toda parte. Ainda bem que entram em ação diariamente uns tratores poderosos, tipo um aspirador de pó gigante, que fazem o possível para livrar a cidade da sujeira.

Gatos, papagaios, camaleões, macacos, aranhas, hamsters, coelhos e até serpentes aparecem na lista de animais que vivem domesticados na Alemanha, mas esses a gente não vê na rua. O máximo que acontece é cruzar com bichos selvagens dos parques, tipo raposas e lebres, ou com um gato fujão. Mas, desde que estes gatos atravessem na sua frente da direita para a esquerda, tudo certo.

Loucura ou não, fato é que existe toda uma estrutura e indústria a serviço do povo canino

SEGUNDA-FEIRA

Felipe Hirsch

TERÇA-FEIRA

PELO MUNDO

Cristina Ruiz, de Berlim

QUARTA-FEIRA

Francisco Bosco

QUINTA-FEIRA

PELO MUNDO

Eduardo Graça, de Nova York

Eduardo Levy, de Los Angeles

SEXTA-FEIRA

Hermano Vianna

SÁBADO

José Miguel Wisnik

DOMINGO

Caetano Veloso